

SERTÃO É ONDE SE SABE CONTAR HIS(ES)TÓRIA

Ana Cláudia Dias Rufino¹

“Aqui já é Sertão!” Essa é a frase pintada em letras grandes e amareladas na fachada da loja. Parece estar respondendo a nossa procura. Sim, quem vai a Cordisburgo vai a busca do Sertão de que tanto falou seu mais famoso morador: Guimarães Rosa. Quem ali chega, quer encontrar a vida sertaneja, o modo de vida simples e as his(es)tórias do interior. Interior do sertão brasileiro, Interior do homem humano.

A frase nos acena, convidando, e entramos na loja. Deparamo-nos com objetos de todos os tipos e de todas as cores, é um sem-número de itens da coleção, misturados ao que ali se vende. A loja-museu pertence a José Osvaldo dos Santos, mais conhecido como Brasinha, que é Cordisburguense, Roseano e Apaixonado por literatura. Em sua loja se vende aviamentos e presentes, mas a diferença é que também podemos levar objetos ao vendedor, e se contarmos uma boa his(es)tória, o objeto ficará em exposição e entra pra coleção. Isso, porque Brasinha não coleciona apenas objetos, coleciona his(es)tórias, coleciona objetos-signos, coleciona poesias, poesias concretas.

Na loja-museu tem de tudo, objetos da vida sertaneja como: berrantes, chapéus, fotos de personalidades como Manuelzão e Guimarães Rosa. Objetos antigos do nosso cotidiano como: celulares, garrafas e rádios. Objetos curiosos como uma faixa de pedidos a São José, uma maquete da Igreja grande, um computador antigo. Objetos que ganham vida através das his(es)tórias contadas e recontadas por quem visita a exposição.

Os objetos se fazem monumentos por fazerem parte da nossa vida, por conterem his(es)tórias de nós mesmos. Objetos subjetivados. Esses objetos, estando ali, ativam nossa memória e fazem reviver nossa cultura de contar e escutar

¹ Aluna de Graduação da Faculdade de Letras -UFMG - Bacharelado Português Estudos Literários

his(es)tórias. Compartilhamos. Vendedor e comprador, cada um a sua maneira, possui uma his(es)tória pra contar a respeito de algum daqueles objetos, cada um tem uma leitura sobre cada uma daquelas poesias expostas. Ali trocamos experiências, trocamos vivências, marcamos e somos marcados.

Uma vez na loja do Brasinha, você estará sujeito a todo tipo de intervenção literária. Aquele lugar respira e induz a poesia. Ai se Opa! Permita-me mostrar meu rosto e contar-lhes uma dessas histórias que aconteceu comigo: Fevereiro de 2009. Conheço a loja e o vendedor. Encanto-me com os objetos, as palavras, as fotografias... , mas como sou estudante de Letras, me interessa, principalmente, pelas várias palavras escritas na fachada. As escolhidas, as objetivadas! Eu e Brasinha passamos horas conversando sobre o significado de uma delas, a palavra “deslembrar” - definimos: palavra poesia - uma das palavras usadas por Guimarães Rosa preferidas ao Brasinha e também a mim. Morfologicamente constituída do prefixo latino ‘des-’, prefixo de negação do português, acrescido ao radical ‘lembrar’; ‘deslembrar’ é uma palavra possível no português brasileiro, mas não aceita pela gramática. No entanto, a palavra pertence ao léxico de Guimarães Rosa, léxico do Sertão, léxico das pessoas do Sertão. Analisamos e constatamos: deslembrar é o que aqueles objetos nunca nos permitem, aqueles objetos permanecem, se fazem poesia, contém memórias, se fazem estórias. Prosseguimos!

Outubro de 2010. Estou sentada na antiga cadeira do cinema da cidade, um dos objetos da exposição mais cobertos de his(es)tórias, lugar que nos permite fazer parte da coleção. Ali somos convidados a produzir e a ser literatura, já que, fisicamente, nos colocamos em contato com a coleção atribuindo valor renovado a ela. Sentados ali, falávamos sobre o Céu de Riobaldo², nosso ego, nosso irmão, nosso maior cúmplice, motivo de tantas conversas outras.

De repente uma moradora de rua entra, pede dinheiro emprestado e me diz carinhosamente: “Você é linda demais!”, agradeço e lhe ofereço um sorriso. Brasinha, honrando sua posição de nosso Embaixador do Sertão diz: “Mas você também é muito bonita!” e ela retruca: “Mas eu... eu sou *desquerida!*”.

² Riobaldo: personagem principal da obra *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa.

Ele me olha relembrando e os olhos azuis sem fim apontam a construção de uma palavra nova, o uso de uma palavra que Guimarães Rosa teria anotado em sua caderneta e nós anotamos, durante aquele olhar, durante aquela conversa que nasceu do cotidiano, em nossa mente e em nosso coração, aquela história e aquela poesia que quase passou despercebida. Aqui já é mesmo o Sertão...! Ser-tão mundo, Ser-tão linguagem, Ser-tão gente, Ser-tão tudo!

Assim, foi que Brasinha me ensinou que uma coleção não só mostra e expõe itens, uma coleção conta his(es)tórias, nos projeta em cada um dos objetos expostos. Uma coleção retira o objeto de seu lugar comum e o coloca em evidência, o transforma em algo diferente do habitual e isso é transformá-lo em poesia. É o mesmo que acontece com as palavras na literatura. Objeto: Palavra-poema. Um objeto transformado em poesia é livre para qualquer leitura, não possui uma resposta ou uma conclusão final. Ler um objeto poético é fazer projeção subjetiva na concretude da realidade. E um objeto poético é um objeto de coleção, um objeto monumento! Palavras no tempo.

José Osvaldo dos Santos, o **Brasinha**, mora em Cordisburgo- MG, além de colecionar objetos é coordenador do Grupo Caminhos do Sertão que desenvolve caminhadas Eco-literárias, trabalho que uni a literatura roseana às paisagens sertanejas. É também Diretor Cultural da Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa e membro da Diretoria do Circuito Literário Guimarães Rosa. Amigo, mestre e irmão.